

Cartografias possíveis: quando as sonoridades definem territórios de esperança

*Maria Teresa Franco Ribeiro**

*Armando Alexandre Castro***

* Pós-doutora pelo IHEAL, Paris III, Sorbonne Nouvelle, doutora em Economia da Indústria e da Tecnologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (UFBA). mariatfr@uol.com.br

** Doutor em Administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Cultura & Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), parceria UESC/UFBA. Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS). aaccastro@gmail.com

Resumo

Este trabalho aborda o crescimento de movimentos culturais, principalmente aqueles que, associados à música, abrem perspectivas de envolvimento e de reconhecimento de populações alijadas do processo de desenvolvimento na Bahia, especialmente em Salvador. A metodologia contempla a coleta e a análise de estatísticas socioeconômicas oficiais sobre a cidade, pesquisa de campo com aplicação de entrevistas semiestruturadas junto a gestores e alunos de música e, ainda, fundamentação teórica alicerçada na geografia crítica e no conceito de ecologia de saberes. Destaca-se o mapeamento de um conjunto de instituições que utilizam a música como elemento estético-pedagógico relevante na transformação social dos cidadãos, numa cidade que, distante dos discursos das maravilhas turísticas, apresenta consideráveis índices de pobreza, concentração de renda e desigualdade socioeconômica.

Palavras-chave: Música. Desenvolvimento. Educação musical. Bahia.

Abstract

The objective of this study is to discuss the increment of cultural movements, especially of those associated with music, as they offer perspective for the involvement and recognition of those people disqualified from the process of developing in Bahia, especially in Salvador. The theoretical framework of the study is grounded in critical geography and the concept of ecology of knowledges. The methodology involves gathering and analyzing official socioeconomic statistics in the capital of the State, field research and application of semi-structured interviews to managers and students of music. One of the main results obtained is the mapping of a considerable number of institutions that use music as a relevant aesthetic and pedagogical factor in social transformation of citizens. This is especially pivotal in a city where is, far from the tourist discourse and there are significant poverty rates, concentration of income and socioeconomic inequality.

Keywords: Music. Development. Music education. Bahia.

INTRODUÇÃO

Os resultados do processo de globalização e os impasses no plano econômico, social, político e ambiental evidenciam, segundo o cientista político Dupas (2009), as limitações das políticas sociais como motor transformador da realidade social e o acirramento das questões ambientais, provocados pelo próprio modelo econômico, sucateador de produtos e esbanjador de energia. Assim, a promessa de universalização dos benefícios do progresso, embutida nos pressupostos da ciência moderna, não só não se realizou como também se mostrou excludente e perversa. A manutenção dessa lógica moderna de acumulação, como afirmam os economistas Chesnais (2011) e Leff (2006), tende a acirrar as contradições entre os interesses do capital e os demais grupos da sociedade civil, com resultados ainda mais perversos para a humanidade. Abre-se, assim, nessa perspectiva, espaço necessário de negociação de impasses estruturais históricos do modelo de acumulação brasileiro.

Segundo Paula (2010), o Brasil mostrou que sua economia é capaz de crescer, mas é estruturalmente incapaz de superar o subdesenvolvimento, na medida em que isso demanda transformações que passam por uma radical distribuição da renda e da riqueza, pela prática da sustentabilidade ambiental, pela valorização da diversidade cultural e pela eliminação de todas as formas de opressão, objetivos que necessariamente colidem com o modelo capitalista em marcha. Mas, ainda que a ordem global busque impor a todos os lugares uma única racionalidade, a “racionalidade mercantil ocidental”, como afirma Santos (2005, p. 70), em cada espaço-tempo, as forças sociais e os espaços assumirão configurações específicas.

Em defesa da compreensão dessas especificidades como inspiradoras de caminhos alternativos respaldam-se as críticas de vários intelectuais, como as do sociólogo Boaventura de Sousa San-

tos e as do geógrafo Milton Santos, dentre muitos outros. Esses autores desenvolvem uma crítica contra-hegemônica e assumem os desafios da construção dos valores universais em novas bases. Os trabalhos oriundos desse debate sinalizam não apenas a natureza polissêmica e multidimensional do desenvolvimento, mas também a necessidade de se refletir sobre a possibilidade de uma outra globalização (ESCOBAR, 2007; SANTOS, B., 2001; SANTOS, M., 2001).

Assim como o sociólogo Santos (2007), acredita-se que, muito mais que uma resistência política, uma resistência epistemológica é necessária; a construção de um pensamento alternativo, a partir das artes e da criatividade, às opções hegemônicas. Para o sociólogo, as análises devem atuar em duas direções: uma, no sentido de combater a noção dominante de desenvolvimento, concebida a partir de perspectivas hegemônicas do centro, e outra que busca compreender, a partir das bases, como os grupos sociais dialogam e enfrentam as imposições dos interesses dominantes.

No início dos anos 1930, a filósofa Hanna Arendt já sinalizava a sua inquietação sobre os caminhos impostos pela modernidade e sobre a afirmação da ideia de neutralidade da ciência e da técnica. Preocupada com o homem e sua existência, ao investigar os elementos determinantes da natureza humana, a filósofa constata a imersão das ciências biológicas no campo das ciências humanas e a transformação nas fronteiras do conhecimento, que produz uma nova ideia do homem a partir da marcha das ciências e das técnicas. A categoria central para se pensar a condição humana, para ela, é a de ação, que está, por princípio, ligada à política. Desse modo, o que há de mais intrínseco no homem é a política ou a ação política, cuja finalidade é o próprio homem. Para a filósofa, a modernidade construiu sua identidade e induziu todos a se pensarem a partir do trabalho, impondo, desse modo, a supremacia do econômico sobre o político. Quando o homem perde o elo

com o trabalho, resta-lhe, então, o vazio, o sentido de abandono, campo fértil para experiências extremas e destrutivas.

Para Matos (2010), a modernidade é a mais profunda imersão na matéria, a atrofia do espírito e a perda coletiva da imaginação. A autora se inspira em Adorno para afirmar que, no capitalismo, desaparece o “esquematismo da imaginação”, capacidade do sujeito de transpor os dados imediatos da sensação para a constituição de um objeto no espaço – substituída pelos objetos já “esquematisados” da indústria cultural, prontos para o consumo. Esse processo tende a desqualificar o “valor espírito” e a experiência do tempo, plasmado na aceleração da temporalidade, na falta de tempo e na superficialidade das relações. Quanto mais as ideias se instrumentalizam, menos são expressões de pensamentos próprios dos sujeitos. Quanto mais o conhecimento se distancia de suas necessidades históricas, de sua linguagem, do pensamento, mais ele se distancia da criatividade. A cultura deixa, assim, de ser uma experiência de autoconhecimento, agregadora e civilizatória, para se reduzir a conteúdos simplificados e massificadores.

Longe de desacreditar as ciências ou a importância do conhecimento científico, sugere-se que o seu desenvolvimento leve em consideração as necessidades e os problemas específicos de cada realidade sociocultural. Um país não pode negligenciar as áreas duras da ciência, como a matemática, a física, as engenharias, etc (SALES, 2010). A compreensão das especificidades das culturas e do humano estimula o diálogo entre a ciência, as artes e as humanidades, conferindo maior amplitude e significado à sua aplicação. A busca da “completude” dos saberes e do ser potencializa a harmonia e o respeito entre os seres de toda a diversidade socioespacial.

Buscando dar conta da intrínseca interconectividade das relações da sociedade com a natureza e da complexidade dos processos de desenvolvimento, diversos autores (CAMARGO, 2005; NICOLESCU, 2001; MORIN, 1999; MORIN; MOIGNE,

2000; SANTOS, B., 2001; 2003) avançam na construção de novos princípios e conceitos que discutem e desconstruem antigas verdades científicas baseadas no modelo cartesiano-newtoniano. Esses autores realizam um esforço de crítica epistemológica e perseveram na construção de novas bases do conhecimento que valorizam o diálogo entre as diversas áreas do saber, buscando integrar o que foi fragmentado e resgatando, desse modo, a complexidade de tudo que a ciência moderna simplificou, objetivou, reduziu.

Para Morin e Moigne (2000), o sujeito do conhecimento deve ser reavaliado em favor de outras concepções mais interativas, menos antropocêntricas e mais dialógicas, valorizando a arte do pensar. Nessa perspectiva, o conhecimento do homem e dos seus problemas não pode ser separado do Universo, mas inserido nele. A compreensão e atuação sobre o local e o território não se limitam ao espaço físico, mas a um espaço dotado de uma história, de uma cultura. A compreensão dessa trajetória é fundamental para a construção de uma consciência humanística e ética de pertencer à espécie humana, à dimensão terrestre e à dimensão local, para um agir responsável sobre essa realidade.

A noção de pertencimento implica o autorreconhecimento de sujeitos capazes de interagir com os outros, de ouvir e de ser ouvidos, de respeitar e de ser respeitados. Assim, a ampliação das relações de pertencimento depende da predisposição individual e coletiva para mudar o olhar e as atitudes. Um novo olhar possibilitará a construção de uma nova epistemologia, menos arrogante e mais comprometida com os destinos da Terra. É nessa perspectiva que Santos (1987) afirma que, na medida em que se superam as dicotomias entre mente e matéria, observador e observado, subjetivo e objetivo, coletivo e individual, animal e pessoas, a distinção entre ciência natural e ciência social deixa de ter sentido. Toda ciência é uma ciência social.

Neste trabalho, procura-se compreender e discutir, a partir de algumas experiências culturais,

principalmente associadas à música, a sua natureza alternativa, o seu caráter de resistência à marginalidade imposta pela aceleração do processo de urbanização. Experiências que evidenciam novas atitudes, novas formas de pensar a vida diante da brutalidade da modernização. Trata-se de grupos sociais que constroem alternativas de vida, de autorreconhecimento como sujeitos políticos através da busca por um elo – desqualificado e perdido na contemporaneidade – entre as gerações que davam sentido e continuidade à vida a partir da valorização da experiência, do contato com suas raízes históricas e culturais.

NOVAS CONFIGURAÇÕES SOCIOESPACIAIS E TERRITÓRIOS DE UTOPIA

A abordagem da geografia crítica percebe a crise contemporânea como resultado do próprio modelo de expansão capitalista, estando, portanto, sua superação associada à reconfiguração desse modo de produzir, distribuir e se apropriar, tanto dos resultados da produção, quanto do próprio espaço social. Nos últimos anos, experiências de atuação democrática, como o orçamento participativo e a criação de fóruns de participação popular, e práticas de economias solidárias têm buscado superar os grandes desequilíbrios sociais e ampliar as perspectivas de vida da população excluída da lógica da acumulação mercantil. São experiências que precisam ser compreendidas, acompanhadas para se perceber sua força transformadora, política e emancipatória. Podem ser vistas como espaços de resistências a ser visibilizados nas cartografias do estado. O esforço nesse item consiste em aproximar-se de algumas dessas experiências e compreender sua natureza e o seu nível de inserção nos problemas das comunidades.

O capitalismo inventa, reinventa, combina e recombina novas e velhas formas de produção e, assim, redefine limites e fronteiras espaciais

Segundo o geógrafo Soja (1993), a partir das últimas décadas do século XX, começa-se a perceber uma convergência de ideias e perspectivas sobre a conceitualização e interpretação de alguns aspectos fundamentais da vida humana. No centro dessa convergência está a reafirmação do espaço no cerne das teorias sociais. Essa reafirmação se dá através de três processos de reestruturação interdependentes. O primeiro é a reestruturação ontológica, que traz uma releitura entre três elementos significativos da vida humana: o espaço, o tempo e o ser, ou seja, o espacial, o temporal e a ordem social, a história da sociedade. A segunda reconstrução vem da economia política, da reestruturação social, política e econômica do mundo capitalista, das sociabilidades contemporâneas associadas às mudanças nas tecnologias industriais e de comunicação. E o terceiro elo desse movimento vem da reestruturação cultural e ideológica, responsável por mudanças nas formas de viver e compreender a modernidade contemporânea e o sentido de viver em um determinado tempo e lugar.

Essas questões levam ao debate da radicalização da modernidade no mundo contemporâneo, que produz imagens para além das existências e que “[...] dissemina uma imagem de mundo abstrata, informacional, digitalizada, que se rivaliza com a própria presença do mundo nos lugares” (HISSA, 2009, p. 29). Nesse processo, o capitalismo inventa, reinventa, combina e recombina novas e velhas formas de produção e, assim, redefine limites e fronteiras espaciais, em um exercício de fechamento e, contraditoriamente, de abertura. Esse jogo dialético e contraditório ilumina possibilidades interpretativas aparentemente paradoxais: pode-se povoar ou fortalecer “fronteiras da barbárie” e, também, “espaços de utopia” (HISSA, 2009, p. 30).

No âmbito global, o que se percebe é um aumento da parcela direcionada ao capital e uma re-

dução da fração apropriada sobre a forma de salário (HARVEY, 2010). Esses resultados são fruto da própria contradição do modo capitalista de produzir, que gera, inevitavelmente, concentração da renda e crises de realização ou superacumulação. Essas crises podem ser postergadas pelo ajuste espaço-temporal do excedente econômico, seja pelo deslocamento no tempo dos investimentos de capital em projetos de longo prazo, seja através da incorporação de novos espaços geográficos, de novos mercados (HARVEY, 2010). É evidente que, com a expansão capitalista, o processo de globalização, as possibilidades de realização e eficiência desses ajustes vão ficando cada vez mais longínquas, o que significará maior pressão sobre o trabalho para manter o excedente. Dentro dessa perspectiva, David Harvey aponta para a importância de se pensar em novos tipos de desenvolvimento, alicerçados no “florescimento” das capacidades humanas para construir o novo.

Nesse sentido, acredita-se que o pensamento de Harvey (2010) se aproxima das utopias sinalizadas por Santos (2000), ao apontar a importância de se pensar o espaço como reprodução da vida e não apenas da mercadoria. Segundo Smith (1996), para o geógrafo brasileiro, o espaço é um projeto político, o projeto humanista final, o veículo de libertação, que precisa ser refeito, não como meio de exploração, mas de reprodução da vida social. A partir desse debate, Milton Santos ressalta que o processo de mundialização do produto, do dinheiro, do crédito, da dívida, do consumo e da informação é, sobretudo, uma tendência, pois “[...] em nenhum país, houve completa internacionalização. O que há em toda parte é uma vocação às mais diversas combinações de vetores e formas de globalização” (SANTOS, B., 2000, p. 30).

As contribuições analíticas de Santos (2007) e de Milton Santos dialogam perfeitamente na afirmação da necessidade de compreensão dos motivos pelos quais as promessas emancipatórias da modernidade não se realizaram. O sociólogo

esforça-se na construção de novas bases epistemológicas que combatem o pensamento hegemônico, ou o pensamento ocidental, desde as suas primeiras formulações, centrando-se na sociologia das ausências e na ecologia de saberes. Tanto o geógrafo brasileiro quanto o sociólogo português acreditam que a força dos movimentos subalternos contém uma promessa real de transformação, apesar de as experiências serem, ainda, bastante embrionárias. Essas experiências valorizam as formas solidárias do cotidiano desses espaços e podem ser apreendidas pelo conceito de “sociologia das emergências”, que consiste numa ampliação simbólica de sinais, pistas e tendências latentes que, embora dispersas, embrionárias e fragmentadas, apontam para novas constelações de sentido tanto no que respeita à compreensão, como à transformação do mundo (SANTOS, 2009, p. 92).

O sociólogo afirma que “as linhas cartográficas abissais” que demarcaram o Velho e o Novo Mundo na era colonial subsistem estruturalmente no pensamento moderno ocidental e permanecem constitutivas das relações políticas e culturais excludentes no sistema mundial contemporâneo (SANTOS, 2009, p. 78). O pensamento moderno é, portanto, para ele, um pensamento abissal, formado por distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas suportam e fundamentam as visíveis. Esse pensamento se funda na tensão entre regulação e emancipação social. O pilar da regulação social é constituído pelo princípio do Estado, princípio da comunidade e do mercado, enquanto o pilar da emancipação consiste nas três lógicas da racionalidade: a racionalidade estético-expressiva das artes e literatura, a racionalidade instrumental cognitiva da ciência e da tecnologia e a racionalidade moral-política da ética e do direito (SANTOS, 2009). Subjacente à distinção visível e invisível, há, ainda, a distinção entre as sociedades metropolitanas e os territórios coloniais.

A dicotomia regulação/emancipação só se aplica às sociedades metropolitanas. Nos territórios

coloniais, emprega-se a dicotomia apropriação/violência. O pensamento ocidental não apenas reforça essa diferença, como também a radicaliza. A visibilidade da ciência moderna se assenta na invisibilidade de outras formas de conhecimentos presentes nos territórios coloniais. A negação produz a ausência de humanidade, ou a subumanidade moderna, ou, ainda, a banalização da condição humana, conforme Hanna Arendt.

A pressão da lógica apropriação/violência sobre a lógica regulação/emancipação gera, segundo Boaventura de Sousa Santos, três tipos de fascismo social: o *apartheid* (segregação dos excluídos), o contratual (privatização dos serviços públicos, saúde, segurança e eletricidade) e o territorial (apropriação dos territórios, cooptando e violentando as instituições, ou novos territórios coloniais privados). Essas três formas de fascismo ficam muito evidentes ao analisarmos alguns dados socioeconômicos da cidade de Salvador, espaço que abriga as experiências nas quais se busca compreender a emergência de possíveis movimentos potencializadores de novas sociabilidades. Para captar esses movimentos, o sociólogo propõe uma nova epistemologia, não generalista, não ampla, já que a pluralidade e a complexidade do mundo, especialmente na contemporaneidade, não permitem uma teoria geral. É na perspectiva da construção de uma nova epistemologia que Santos (2009, 2007) sugere os conceitos de sociologia das ausências e ecologia de saberes. Essa nova epistemologia evitaria o desperdício das experiências, confrontando a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes. Trata-se de uma ecologia porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos e em interações sustentáveis e dinâmicas que não comprometem sua autonomia (SANTOS, 2009).

A sociologia das ausências é um conhecimento insurgente que procura mostrar que o mundo negado, invisibilizado, é produto da construção de um

pensamento hegemônico. As ausências são fruto de um pensamento linear que nega a pluralidade do tempo e do espaço, sustentando-se na monocultura do saber. É a partir da compreensão das ausências, de suas lógicas e tensões que se abrem espaços de acolhimento das diversidades e das possibilidades de transformação da prática da monocultura do saber em prática de uma ecologia de saberes, terreno fértil para a construção de um projeto emancipatório.

Essa nova epistemologia evitaria o desperdício das experiências, confrontando a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes

CONSTRUINDO UMA NOVA CARTOGRAFIA: OS TERRITÓRIOS INVISÍVEIS DA CIDADE DE SALVADOR

A partir de um levantamento realizado em 2011 sobre as experiências musicais em Salvador, constatou-se a existência de 20 organizações que desenvolvem trabalhos de ensino, educação musical, pesquisa e criação artística. O nível de organização e articulação desses trabalhos estimulou a aprofundar a investigação e a refletir sobre as transformações que ocorrem na qualidade de vida dos sujeitos, na constituição de um pensamento reflexivo e de uma consciência política. Instigou compreender como esses movimentos se constituíram, que tipo de trabalho foi desenvolvido com as comunidades e como essas se articulam e sustentam alternativas de vida, de realização individual compartilhada e solidária no contexto de uma cidade cada vez mais violenta e excludente.

A dinâmica de expansão da economia baiana não se diferencia muito da economia brasileira. Talvez expresse apenas com mais violência o padrão concentrador e centralizador da renda e dos serviços urbanos no país. Os dados oficiais e as estatísticas corroboram essa afirmativa. Em 2009, com uma população estimada em 2.998.056 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA,

2009), Salvador apresentava uma incidência de pobreza de 35,76%, índice de Gini¹ 0,49 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2003), um dos piores indicadores entre os estados da Federação.

A partir dos dados analisados por Fernandes (2007), fez-se uma leitura comparativa entre alguns bairros de Salvador para se ter uma ideia do nível de distribuição da população e das categorias socioeconômicas. O bairro da Pituba, situado na zona sul da cidade, por exemplo, abrigava aproximadamente 200 mil pessoas, o que correspondia a 7,5% da população da cidade, respondendo por 30% de toda a renda do município. No miolo da cidade, ficam os bairros mais pobres economicamente, como Cajazeiras, onde moravam cerca de 300 mil pessoas (11% da população), que respondiam por apenas 2,8% da renda. Mesmo

considerando que esses dados são de 2003, eles mostram um padrão cuja tendência é se agravar. Uma projeção para 2013, também realizada pela SEI, prevê o agravamento da concentração de renda: enquanto a Pituba deterá 35% da renda, Cajazeiras responderá por apenas 2,1%.

No campo da segurança pública, os dados também são preocupantes. Em 2008, a Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia registrou 1.733 homicídios dolosos, o que corresponde a uma média mensal, para este mesmo ano, de 144 homicídios/mês, ou 36 homicídios/semana.

Como pode ser visto na Tabela 1, a Área Integrada de Segurança Pública (AISP) relacionada ao bairro de Cajazeiras (AISP 19), em 2008, totalizou 106 homicídios dolosos, contra três no bairro da Pituba (AISP 8). O recorde de homicídios dolosos

Tabela 1
Registros de ocorrências policiais – Salvador - 2008

REGISTROS	AISP1	AISP2	AISP3	AISP4	AISP5	AISP6	AISP7	AISP8	AISP10	AISP12	AISP13	AISP16	AISP17	AISP18	AISP19	AISP20	TOTAL
Homicídio doloso	9	41	67	94	88	73	133	3	141	65	245	224	127	177	106	140	1.733
Tentativa de homicídio	6	24	43	71	66	55	78	8	69	44	187	127	23	110	62	60	1.033
Estupro	6	6	5	17	43	6	16	9	22	6	26	35	4	31	19	32	283
Roubo seguido de morte	0	0	0	5	1	0	0	0	1	5	4	3	1	9	3	0	32
Roubo a ônibus urbano	50	162	139	98	224	15	122	59	229	126	136	233	64	212	109	224	2.202
Furto de veículo	89	184	85	258	161	15	139	203	87	156	88	39	20	81	30	137	1.772
Roubo de veículo	91	174	159	207	372	3	246	427	290	578	380	186	156	428	167	697	4.561
ATIVIDADE POLICIAL																	
Usuário de drogas	81	262	36	158	119	72	40	27	110	122	208	73	2	47	57	94	1.508
Veículos recuperados	33	139	82	126	192	24	208	730	190	186	338	184	204	247	109	332	3.324
Pessoas autuadas em flagrante	67	812	110	675	199	46	146	336	111	143	171	176	31	95	169	30	3.317
Apreensão de arma de fogo	7	112	29	183	142	15	34	49	51	58	93	75	12	37	49	28	974

Fonte: Secretaria de Segurança Pública/BA, 2010.

¹ O coeficiente de Gini é uma medida da concentração de renda e oligopolização dos setores industriais. Os valores do coeficiente variam entre 0 e 1 (valor máximo). Quanto mais próximo da unidade (1), pior a distribuição de renda. SANDRONI, Paulo. Dicionário de Economia. São Paulo: Editora Best Seller. 1987. p.68.

ficou com a AISP 13, que envolve os bairros de Nandiba, Doron, Tancredo Neves e Engomadeira, com 245 casos. As estatísticas e dados oficiais, assim como os estudos de entidades e movimentos em prol dos direitos humanos, permitem afirmar que boa parte dos bairros centrais de Salvador, aqueles marcados por grandes contingentes populacionais e baixos rendimentos, apresenta os maiores riscos à condição humana. Ainda que a segurança pública seja um problema em toda a cidade de Salvador, os dados disponíveis constatarem o elevado grau de violência em áreas mais pobres. Da perspectiva de SANTOS (2009, 2007), o planejamento urbano regional, ao estimular e privilegiar os “espaços luminosos”, os espaços globais, acirra as contradições e amplia os espaços de exclusão, os “espaços opacos”. Esses espaços opacos, como aponta o autor, não teriam a dignidade como alternativa crível a uma realidade global, universal. A preponderância da lógica da apropriação/violência gera o fascismo social, uma espécie de *apartheid*. A cidade vai se desfigurando, fragmentando-se e produzindo novas formas de ameaça e medo.

Analisando as taxas de desemprego na capital baiana, a partir das informações da Pesquisa de Emprego e Desemprego – realizada pela SEI em parceria com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (Setre) –, constata-se o aumento do desemprego de 17,7% (janeiro/2010) para 18,8% (fevereiro/2010). Esse comportamento se agrava em Salvador em função do baixo nível de qualificação da população ativa e da centralização da estrutura produtiva na área metropolitana. Esse movimento expressa não apenas a precariedade das oportunidades nas médias e pequenas cidades, como também a falta de políticas públicas direcionadas à educação, saúde e estímulo às atividades que possam incorporar os saberes e as culturas locais.

Com a liberalização das fronteiras, surgem jogos suplementares, novos papéis e regras desconhecidas, bem como novas contradições e conflitos

Essa cartografia desumana da cidade é o pano de fundo de experiências musicais enriquecedoras, sonoridades emergentes que reverberam nos bairros mais pobres, com os maiores índices de violência urbana, tais como Candeal, Pelourinho, Cabula, Alagados, Fazenda Coutos, Vasco da Gama, Centro, Queimadinho, Liberdade, Tancredo Neves, Rio Vermelho, Campo Grande e Canela. Incorporou-se também, na análise, uma experiência em Camaçari, Região Metropolitana de Salvador, a Cidade do Saber, que utiliza a música como elemento estético-pedagógico. Os bairros registrados neste estudo encontram-se dispersos pelo município de Salvador, caracterizando uma aparente dicotomia entre apropriação e violência, como pode ser constatado nas tabelas 1 e 2, dados sobre violência e educação.

O agravamento das condições sociais a partir dos anos 1970 deve-se, em grande parte, ao enfraquecimento do poder dos estados como atores mais relevantes da ação coletiva e, simultaneamente, ao fortalecimento dos interesses privados hegemônicos. O poder de intervenção estratégica e de definição das regras do jogo da ação política, responsável pela transformação dos cenários das ações coletivas, é frequentemente minado pela força e pelos interesses dos grupos internacionais. Com a liberalização das fronteiras, surgem jogos suplementares, novos papéis e regras desconhecidas, bem como novas contradições e conflitos. Cresce também a participação das organizações não governamentais (ONGs), atuando em territórios e áreas sociais menos privilegiadas e menos assistidas pelo poder público.

As ONGs iniciam os trabalhos, sobretudo, a partir da década de 1990, quando se radicaliza o processo de modernização capitalista sob a batuta do FMI e se acirram as desigualdades sociais e a violência. A defesa do Estado mínimo e a privatização dos serviços públicos fundamentais são expressões da radi-

calização do fascismo social, presente nos territórios de apropriação e violência.

A desigualdade de renda em Salvador também se reflete na educação, destacando positivamente, mais uma vez, via Unidade de Desenvolvimento Humano (UDH), bairros litorâneos. Segundo o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), esta relação em Salvador pode ser assim compreendida:

Enquanto na UDH – ITAIGARA 97,67% das crianças com idade entre 7 e 14 anos estão frequentando o ensino fundamental, essa proporção é de 82,70% na UDH - COUTOS-Fazenda Coutos, Felicidade e chega a 78,68% na UDH vizinha, COUTOS/ PERIPERI-Nova Constituinte, a com o menor índice. Há forte relação entre esses níveis de frequência e os índices de alfabetização. Enquanto a primeira tem o terceiro menor percentual de pessoas maiores de 15 anos analfabetas da região metropolitana (0,93%) — atrás somente da UDH - CAMINHOS DAS ÁRVORES-Iguatemi (0,47%) e AMARALINA-Ubaranas (0,70%),

ambas em Salvador — a UDH - COUTOS-Fazenda Coutos, Felicidade tem 12,95% (*PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO; COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DO ESTADO DA BAHIA*, 2006, p. 35).

É possível perceber que avanços no nível de escolaridade realçam consideravelmente as diferenças entre as UDHs. Se os bairros da Pituba e Itaigara apresentam 82,91% dos adolescentes de 15 a 17 anos frequentando o ensino médio, o bairro de Fazenda Coutos registra 16,03%. No nível superior, a distorção é ainda mais gritante. Nos dois primeiros bairros, o percentual de jovens com idade entre 18 e 24 anos matriculados em universidades/faculdades é de 59,64% (*PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO; COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DO ESTADO*, 2006), enquanto em Fazenda Coutos esse indicador é de apenas 0,37%. Apenas para exemplificar a forte desigualdade no nível educacional, apresenta-se a tabela a seguir com a situação em Cajazeiras:

Tabela 2
Nível educacional – bairro Cajazeiras – 1991-2000

UDH	Código	% 18 a 24 anos analfabetas, 1991	% 18 a 24 anos analfabetas, 2000	% 18 a 24 anos com menos de quatro anos de estudo, 1991	% 18 a 24 anos com menos de quatro anos de estudo, 2000	% 18 a 24 anos com menos de oito anos de estudo, 1991	% 18 a 24 anos com menos de oito anos de estudo, 2000	% 18 a 24 anos com menos de 11 anos de estudo, 1991	% 18 a 24 anos com menos de 11 anos de estudo, 2000	% 18 a 24 anos com 12 anos ou mais de estudo, 1991	% 18 a 24 anos com 12 anos ou mais de estudo, 2000	% 18 a 24 anos no curso superior, 1991	% 18 a 24 anos no curso superior, 2000	% 18 a 24 anos com acesso ao curso superior, 1991	% 18 a 24 anos com acesso ao curso superior, 2000
Águas Claras/Cajazeiras Cajazeiras V,VI,VII	89	7,65	1,20	16,83	7,32	46,99	35,13	81,34	66,42	2,79	0,23	0,92	0,54	1,26	0,54
Águas Claras Nogueiras	88	5,93	3,12	18,13	11,85	59,98	45,96	88,36	83,40	0,33	2,11	0,33	1,41	0,33	1,41
Cajazeiras/Faz Grande Caj VIII, Faz Gde II e III	82	0,59	2,59	10,75	11,13	54,19	48,62	85,02	80,04	3,21	1,03	0,90	1,50	0,90	1,50
Cajazeiras Cajazeiras X e XI	90	2,92	0,33	14,68	8,19	53,10	35,40	79,29	77,74	2,85	1,73	2,35	1,16	2,35	1,16
Fazenda Grande Fazenda Grande I e II	94	2,81	2,76	14,00	8,49	48,75	27,97	80,58	69,29	0,42	1,43	0,42	2,29	0,42	2,29
Fazenda Grande Fazenda Grande III e IV	93	2,22	1,87	9,34	6,86	41,60	30,50	78,17	71,02	2,05	0,86	2,87	1,34	2,87	1,34
XIV – CAJAZEIRAS	14	4,09	2,03	14,49	9,03	50,82	37,41	81,95	74,67	1,85	1,23	1,31	1,38	1,38	1,38
RMS		6,43	3,08	18,56	12,27	53,07	41,31	76,92	70,08	5,30	6,66	5,05	7,82	5,36	8,09

Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado, 2011.

Cajazeiras é um bairro populoso e distante do centro de Salvador, e seus índices educacionais (vide Tabela 2) apontam que 66,42 % da população entre 18 e 24 anos tem menos de 11 anos de estudo, e apenas 0,54% deste contingente tem acesso ao ensino superior.

Os dados e indicadores aqui apresentados expressam a violência do processo de expansão econômica e socioespacial da cidade de Salvador nas últimas décadas. A natureza excludente e perversa da modernidade impõe consequências sociais devastadoras à cidade, associadas a uma deriva política sem compromissos sociais e civilizadores. A privatização dos serviços fundamentais é a face perversa do modelo de desenvolvimento que privilegia as classes de alta renda, fomentando as mais diversas formas do fascismo social, presentes nos territórios de apropriação e violência.

Diante desse quadro, parte-se em busca de cartografias invisibilizadas, experiências que procuram, a partir da compreensão crítica e da resignificação da vida, construir novos espaços de solidariedade, dignidade e de visibilidade. A temática de partida dessas experiências, visibilizadas neste pequeno ensaio, é a música, mas o sentido e os objetivos das ações comunitárias abrangem todos os espaços da vida, do cotidiano sofrido e esquecido das comunidades invisibilizadas pela ação e discurso hegemônicos. O espírito de solidariedade e dignidade dá voz às necessidades mais fundamentais, mais simples, esquecidas ou ignoradas pelo poder público. A partir da valorização das experiências comuns, dos diversos saberes culturais, essas comunidades têm construído formas extremamente criativas de existência, capazes de redefinir suas histórias de vida e de vislumbrar espaços de esperança para as próximas gerações.

CARTOGRAFIAS INVISÍVEIS, SONORIDADES EMERGENTES

Embora a concentração do acesso à educação, às atividades produtivas e à renda em Salvador,

assim como seus próprios registros internos de desigualdade, oportunize externalidades negativas, é possível perceber, também, mudanças de comportamento ou questionamentos sobre a relação homem/capital, tempo/espaço. Abrem-se, assim, espaços de reflexão a partir de outras possibilidades de (con)vivência humana através do contato com as subjetividades, com as diversas formas de conhecimento e, principalmente, com a prática da música como elemento de resignificação dos sentidos da vida. Assim, ao discutir a importância da experiência, Foucault afirma que “[...] é preciso dar atenção às práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não apenas fixam, para si, regras de conduta, mas, também, procuram se transformar, modificar-se na sua singularidade e fazer da sua vida uma obra que traga certos valores estéticos que respondam a certos critérios de estilo” (FOUCAULT apud NOVAES, 2010, p. 16).

A educação musical estimulada por ONGs, organizações sociais, instituições sem fins lucrativos, escolas públicas, além de programas e projetos relacionados a órgãos governamentais, tem contribuído para a visibilidade de novas cartografias na cidade de Salvador. Enquanto prática presente no cotidiano de milhares de pessoas, pode-se compreender, a partir dos exemplos discriminados abaixo, a dignidade humana como valor ético intercultural que transcende os modelos organizacionais respaldados na lógica mercantil.

A diversidade das experiências das organizações inscritas no Quadro 1 confirma as reflexões sobre a necessidade de se repensar novas dimensões para o modelo de desenvolvimento da cidade de Salvador, a partir de valores mais solidários, mais tolerantes e mais criativos. A música pode ser um elemento-chave na integração das demais práticas que permitem a inclusão do indivíduo e promovem a sua transformação enquanto sujeito político. Nessa perspectiva, a educação musical oferecida pelas instituições aqui citadas, a partir do mapeamento apresentado, é acompanhada de orientação profissional e de diversos conteúdos elaborados a partir

das necessidades cotidianas das comunidades. Novos desenhos organizacionais criados a partir dessas experiências permitem a compreensão sistêmica da problemática de cada comunidade.

Santos (2001) afirma que a globalização neoliberal é apenas uma das formas de globalização, uma forma dominante e hegemônica, mas não a única. A lógica global é confrontada por outras lógi-

cas, formas alternativas, contra-hegemônicas, que podem sinalizar novos caminhos para a realização da experiência humana. Há uma crise do conhecimento, dos instrumentos de política e da forma de se fazer política, fato que abre espaço para a reformulação da própria forma de produzir conhecimento. Seguem algumas experiências musicais alternativas à lógica dominante:

(Continua)

Instituição	Natureza	Fundação oficial	Bairro	Objetivos/Características
Associação Lactomia Ação Social	ONG	2003	Candeal Pequeno	O objetivo do grupo é provocar a reflexão sobre cidadania e responsabilidade ambiental, através de composições que retratam temas e dificuldades da situação mundial. A partir de materiais reaproveitados do lixo, eles produzem instrumentos de percussão, figurino e cenário.
Centro de Educação Profissional Pracatum/ Escola Pracatum	ONG	1995	Candeal Pequeno	O objetivo é a prática da educação musical e da tecnologia como elementos de inclusão social. O grupo oferece cursos profissionalizantes em diversas áreas da arte musical, como mixagem, gravação digital, percussão, captação de áudio para cinema e TV, entre outras.
Eletrocooperativa	ONG	2003	Pelourinho	Humanizar o processo de inclusão digital, a partir da transformação do computador em instrumento musical é o objetivo do grupo. Atualmente, ele conta com dois escritórios, um em Salvador, outro em São Paulo. Em Salvador, concentra-se a parte operacional dos cursos, as oficinas e as demais atividades, enquanto a sede de São Paulo fica responsável pela captação de recursos e pelo relacionamento institucional com os parceiros.
Didá Escola de Música Feminina	ONG	1993	Pelourinho	Instituição cultural sem fins lucrativos que tem como objetivo elevar a qualidade de vida das pessoas através da música. Fundada por Nequinho do Samba, a Didá Escola de Música Feminina oferta cursos de instrumentos de cordas, sopro, teclado, percussão, canto, capoeira, dança afro, teatro, artes, inglês e informática. Possui três projetos: Didá Banda Feminina, Sódomo e o bloco de Carnaval. Atende, atualmente, cerca de 200 jovens.
Grupo Cultural Olodum / Escola Olodum	ONG	1979	Pelourinho	Criado como bloco carnavalesco em 1979, a partir de 1983, deu início a outras atividades, dentre elas, a Escola Olodum. Destaque para seu projeto pedagógico de conteúdo multiétnico e multicultural, cuja grade curricular contempla diversas linguagens musicais, coral, dança afro, inclusão cultural e digital. Em paralelo, destacam-se, também, questões como cidadania e diversidade étnica, discutidas por meio de workshops de formação de lideranças afrodescendentes e campanhas de mobilização social. Parceiros nacionais e internacionais em sua proposta pedagógica, que alia tecnologia à qualificação profissional, no campo musical.
Projeto Axé	ONG	1990	Comércio	Através da figura do educador de rua, esse grupo estimula permanentemente os jovens a construir um projeto de vida renovador em que eles se reconheçam não apenas como sujeitos de direito, mas também como sujeitos de desejo. Em 20 anos de existência, passaram pelo Axé mais de 13.700 crianças e adolescentes.
Escola de Educação Percussiva Integral (EEPI)	ONG	2007	Cabula	O objetivo desta escola é educar, através da música, jovens em risco social e pessoal, para melhor qualificação na sociedade.
Grupo Cultural Bagunção	ONG	1991	Alagados	Objetiva atender e promover os direitos da criança, do adolescente e do jovem através de atividades artísticas, educacionais e socioculturais. Desenvolve oficinas de percussão, dança, arte com reciclados, literatura, assim como seminários, palestras e cursos profissionalizantes. Percussão e reciclagem, aulas de música percussiva, filarmônica e, mais recentemente, a TV Lata.
Instituto de Música da UCSal (IMUCSal)	Universidade (Extensão)	1989	Centro	Desde 1989, o instituto oferece, através da Oficina de Criatividade Infanto-Juvenil, diversos cursos gratuitos em musicalização infantil e artes plásticas. O projeto já atendeu mais de 1.500 crianças e adolescentes.

CARTOGRAFIAS POSSÍVEIS: QUANDO AS SONORIDADES DEFINEM TERRITÓRIOS DE ESPERANÇA

(Continuação)

Instituição	Natureza	Fundação oficial	Bairro	Objetivos/Características
Escola Técnica Estadual Luiz Navarro de Brito	Rede estadual de ensino	2002	Queimadinho	Escola da rede estadual de educação em que a música é um elemento de socialização e inclusão sociocultural. Disponibiliza amplo e equipado estúdio de ensaio, instrumentos musicais de corda, sopro e estimula a formação de grupos musicais locais. Procura estabelecer parcerias com as universidades.
Fundação Pierre Verger	ONG	1988	Av. Vasco da Gama	A partir do Espaço Cultural Pierre Verger, a fundação oferece gratuitamente 15 oficinas para crianças e jovens, com temáticas que abordam a cultura afrobrasileira, a música e a cidadania. No campo musical, destaque para a orquestra experimental, experimentação musical, violão, teclado e percussão.
TV Pelourinho	ONG	2008	Pelourinho	O objetivo é a formação de jovens em funções técnicas que facilitem a sua inserção no mercado de trabalho no campo do audiovisual. A música, como conteúdo transversal, integra temáticas das produções audiovisuais dos alunos. Atende 400 jovens/ano.
Bloco Afro Ilê Aiyê	ONG	1974	Liberdade	A Escola de Percussão, Canto e Dança Band' Erê foi criada no final da década 1980, com o objetivo de renovar os quadros artísticos da Band'Aiyê. A partir de 1995, tornou-se uma escola de formação integral para a cidadania, trabalhando com a identidade racial, o pensamento crítico e a autoestima.
Ceifar	ONG	1994	Tancredo Neves	O grupo surgiu da observação e discussão dos problemas sociais da comunidade do bairro, tendo como ponto de partida o planejamento familiar através de visitas e encontros de formação sobre sexualidade e a promoção de atividades lúdico-educativas, trazendo para a comunidade uma perspectiva de melhoria nas condições de vida. A educação musical é desenvolvida a partir do ensino da teoria musical aliada à formação de coral. Atende cerca de 490 crianças e jovens.
Oficina de Música Instrumental	ONG	2008	Canela	Oferece a crianças e jovens de escolas públicas de Salvador a possibilidade de conhecer a história do trio elétrico e de aprender a tocar guitarra baiana, violão, bateria, percussão ou baixo elétrico, que constituem a base instrumental para a formação de um músico de trio elétrico.
Neojibá	Organização social (Secult/BA)	2007	Campo Grande	O Programa de Formação de Núcleos de Orquestras e Corais Infanto-juvenis no Estado da Bahia visa a integração social por meio da prática coletiva da música. Sua estratégia está focada na construção ética e pedagógica da infância e da juventude, mediante a instrução e a prática orquestral e coral, capacitação em ensino musical, novas tecnologias e na reparação de instrumentos musicais.
Cidade do Saber	Organização social	2007	Cidade de Camaçari (BA)	Propõe a prática musical de repertório popular e erudito, a leitura musical e o constante aperfeiçoamento técnico. Busca desenvolver habilidades específicas para a execução, sempre dentro de um contexto de compreensão das estruturas da linguagem e se colocando num permanente relacionamento com as particularidades próprias de cada instrumento. Dentre os cursos, violão, contrabaixo, percussão, teclado, canto coral e bateria.
Hora da Criança	ONG	1943	Parque Lucaia	Fundada pelo professor, jornalista, advogado e teatrólogo Adroaldo Ribeiro Costa, oferece aulas de música, dança, teatro, artes visuais, iluminação cênica e cenografia. Atualmente atende cerca de 400 alunos por ano, desenvolvendo suas atividades em parceria com as redes estadual e municipal de educação.
Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes	Rede estadual	1993	Canela	Curso Técnico Profissionalizante em Execução Instrumental.
Projeto de Iniciação Musical (PIM)	Instituto	1995	Fazenda Coutos	Um dos projetos vinculados à Associação dos Educadores da Escola Comunitária São Miguel. Atualmente encontra-se sob a coordenação do Instituto Otaviano Almeida Oliveira (IOAO). Desenvolve projetos artístico-culturais a partir da música e da recriação dos folgedos populares. Em 2009, com o espetáculo <i>Donos da Terra</i> , recebeu o Prêmio Braskem nas categorias Melhor Espetáculo Infanto-juvenil e Melhor Diretor (João Gonzaga). Em 15 anos, os registros apontam para o atendimento de 5 mil crianças e jovens.

Quadro 1
Música e gestão social

Dos 20 projetos pesquisados, conforme o Quadro 1, foram focadas três experiências que exemplificam a natureza criativa e alternativa de iniciativas desse tipo.

A experiência Neojibá

Criado pelo pianista e maestro baiano Ricardo Castro, o Núcleo Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia (Neojibá) é configurado como um amplo programa governamental de formação de núcleos de orquestras e corais infanto-juvenis no estado da Bahia, visando à excelência e à integração social na formação de crianças e jovens, sem distinção de classe social, a partir da prática coletiva da música. O Neojibá sempre priorizou as turnês no interior do estado. O objetivo é divulgar o projeto e despertar possíveis sonhos de músicos adormecidos na brutalidade do cotidiano. Os primeiros se tornavam multiplicadores e disseminadores do conhecimento. O primeiro núcleo do Neojibá fora de Salvador será sediado em Simões Filho, no Centro Educacional Santo Antônio (CESA), ligado às Obras Sociais Irmã Dulce.

A implantação do Neojibá se deu a partir do intercâmbio com a Fundación Del Estado para El Sistema Nacional de las Orquestas Juveniles de Venezuela (Fesnojiv) e seu “El Sistema”, implantado há 35 anos e, hoje, mundialmente aclamado como uma das mais bem sucedidas experiências de formação orquestral no mundo. Em dezembro de 2009, a gestão do Neojibá foi transferida para a primeira organização social de cultura no âmbito do estado, a Aojin, que passou a receber os recursos governamentais à medida que executava as metas pactuadas no plano de trabalho do contrato de gestão. A estratégia adotada possibilita o atendimento das necessidades dos projetos sem as amarras burocráticas e políticas.

A experiência Eletrocooperativa

Fundada em 2003, no Pelourinho, a Eletrocooperativa alia educação, música e tecnologia e já formou mais de 930 jovens a partir do hip hop e de uma metodologia original, a Sevirologia, que significa “se virar para vir a ser”. O sítio eletrônico da Eletrocooperativa esclarece que Sevirologia

[...] vem da expressão “se virar”:

quando a gente se vira, fortalecemos nosso ser e nos encontramos com a nossa própria sabedoria. Isso traz uma nova forma de olhar para a vida, nos traz uma mudança de perspectiva, fortalece nossa auto-estima porque percebemos que somos capazes de fazer o melhor com aquilo que temos. O sevirólogo aprende sozinho e com os outros para construir seus caminhos sempre por meio da ação em busca da transformação. É um ser integral com quatro dimensões: a política, a ambiental, a cultural e a econômica (ELETROCOOPERATIVA, 2007).

A produção dos jovens da Eletrocooperativa é diretamente acompanhada pelo verbo disponibilizar. Neste caso, na rede mundial de computadores, através de portal próprio e das licenças *creative commons*. A evolução do processo de formação dos jovens, num segundo momento, identificou a necessidade de geração de renda, o que fez surgir, em 2006, a Usina de Produção. A sede da Eletrocooperativa, localizada no Pelourinho, Centro Histórico de Salvador, agrega estúdio musical, ilhas de edição, salas da administração e computadores com programas de edição de áudio e vídeo. Nas paredes, quadros e pinturas em grafite de artistas locais, com desenhos e palavras que expressam os sentidos de participar da Eletrocooperativa. Quem adentra a sede, depara-se com um destes registros, no qual as palavras e expressões escolhidas são “alegria”, “generosidade”, “prazer em servir”, “ser digital”, “desapego”, “transpa-

rência”, “flexibilidade”, “honestidade”, “coletividade”, “coragem” e “espiritualidade”.

Uma das primeiras alunas da Eletrocooperativa, hoje monitora e assistente administrativa, Jaqueline Reis, acredita que o sucesso da ONG, a partir da considerável demanda e visibilidade de suas ações, é justificado pela oportunidade de apresentar opções de sobrevivência e novas alternativas para jovens de comunidades periféricas de Salvador, via música e tecnologia. Jaqueline Reis informa ainda que “[...] a Eletrocooperativa já formou centenas de jovens que atuam profissionalmente no mercado e trabalham com qualidade e engajamento social em suas comunidades de origem”.

A experiência Bagunção

O Grupo Cultural Bagunção foi fundado em 1992, no bairro de Alagados, subúrbio ferroviário de Salvador, e integra em seu currículo 23 turnês internacionais, nas quais apresentou os resultados dos seus projetos de educação, que envolvem a música com trabalhos de percussão e com pequenos grupos de filarmônicas. Um elemento característico de suas atividades é a criação e a utilização de instrumentos musicais percussivos a partir de elementos recicláveis.

O músico soteropolitano Joselito Crispim, um dos fundadores da ONG responsável pelo Bagunção, reitera inúmeras vezes que é a música que lhe dá a oportunidade de ser uma pessoa “do bem”, feliz e diferenciada. Para os jovens integrantes do Bagunção, segundo Joselito Crispim, a música representa a possibilidade de participar do cotidiano de Salvador de forma mais digna, mais humana, pelo reconhecimento trazido pela arte.

A mais recente iniciativa do Grupo Cultural Bagunção é a TV Lata, em que os estudantes aprendem a produzir conteúdo audiovisual e a pesquisar

estéticas que contemplem, no vídeo, o conceito e os objetivos do Bagunção. Eles se apropriam da essência da técnica e se utilizam de esquemas de imaginação para, a partir do pensamento, do conhecimento, criar suas obras.

A música é o foco que agrega as várias dimensões da vida em sociedade, sobretudo a solidariedade e a ação política e transformadora, capaz de promover a formação de sujeitos mais críticos e a sua inserção na sociedade.

São pontos talvez invisíveis em algumas escalas, mas profundamente transformadores para as comunidades envolvidas e para os indivíduos, a criar permanentemente alternativas que lhes permitam se aproximar da sua essência a partir do resgate das experiências e dos laços culturais e afetivos de sua história.

Para os jovens integrantes do Bagunção [...] a música representa a possibilidade de participar do cotidiano de Salvador de forma mais digna, mais humana, pelo reconhecimento trazido pela arte

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CARTOGRAFIAS POSSÍVEIS

Ainda que a modernidade tenha revelado o fracasso das promessas embutidas nos programas de desenvolvimento e o desencanto diante do acirramento das desigualdades sociais, descobrem-se, no universo dessas vivências musicais, experiências novas, portadoras de esperança e de utopia. Desse modo, foram trazidas para o debate algumas dessas experiências que, no campo da música, expressam saídas a partir da reinvenção do cotidiano. Experiências construídas por grupos alijados do processo de “desenvolvimento”, capazes de redefinir suas vidas pelo pensamento crítico, pela valorização dos diversos sujeitos das vivências comunitárias, pelas artes.

Como aponta Hanna Arendt, as condições impostas pelo avanço do progresso são desumanas e levam à alienação do homem de sua história. Um progresso que prescinde da liberdade para alcan-

çar seus efeitos pode colocar em risco a própria sobrevivência do homem. As preocupações da filósofa parecem muito presentes quando se analisam as cartografias invisíveis de Salvador. Reconhece-se a presença dos vários fascismos apontados por Boaventura de Sousa Santos: social, contratual e territorial. O esgarçamento dos laços sociais e a primazia da tecnociência, aliada à expansão do capitalismo, deterioram de forma assustadora as condições de vida. Percebem-se essas experiências sonoras dos excluídos como uma forma de “[...] encontrar um solo para o homem que não o expulsa de sua vida para supostamente encontrar sua essência” (ARENDDT apud MATOS, 2010, p. 38). A essência é o pensamento, a base da criatividade e da liberdade.

As experiências musicais da periferia de Salvador respaldam as reflexões sobre o potencial transformador de iniciativas dessa natureza. Ainda que pontuais, essas sonoridades emergentes sinalizam o lugar que acolhe o homem e o ajuda a encontrar a sua essência. São situações particulares, densas de qualidades humanas e civilizatórias que valorizam e estimulam o pensamento, a ação política e a criatividade. São vidas em movimento, em mutação, capazes, por isso mesmo, de perceber o novo e, a partir das experiências mais simples, tocar o “espírito”. São espaços de utopias possíveis, caminhos que redesenham perspectivas de vida e de novas sociabilidades a partir das artes e da criatividade.

Omitidas de muitos mapas oficiais, essas experiências são sinais, caminhos, pistas de territórios da emergência de outras lógicas, a confrontar a lógica que se impõe como dominante. A visibilidade desses sinais requer a incorporação de experiências dessa natureza no contexto das políticas públicas, de modo a permitir cartografias mais equilibradas, mais justas, capazes de transformar indivíduos em sujeitos políticos².

² Agradecemos a leitura e a revisão de Adriana Melo.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hanna. *A condição humana*. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CAMARGO, L. H. *A ruptura do meio ambiente: conhecendo as mudanças ambientais do planeta através de uma nova percepção da ciência: a geografia da complexidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CHESNAIS, François. Crise econômica. ¿Qué hacer para liberarse de la trampa de las deudas públicas? *O Olho da História*, Salvador, BA, n. 16, jul. 2011.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO; COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DO ESTADO DA BAHIA. *Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Salvador*. Salvador: PNUD; CONDER, 2006.

DUPAS, G. O impasse ambiental e a lógica do capital. In: DUPAS, G. (Org.). *Meio ambiente e crescimento econômico: tensões estruturais*. São Paulo: Unesp, 2009.

ELETROCOOPERATIVA. Conceito de Sevirologia. Disponível em: <http://www.eletricooperativa.org.br/sevirologia> >. Acesso em: 27 mar. 2007.

ESCOBAR, Arturo. Economics and the space of modernity: tales of market, production and labour. *Cultural Studies*, v. 19, n. 2, p. 130-175, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.unc.edu/~aescobar/>>. Acesso em: 04 set. 2007.

FERNANDES, Thiago. Salvador, 458 anos. A Tarde, Salvador, 29 mar. 2007. Disponível em: http://www3.atarde.com.br/especiais/aniversario_salvador/ontem_e_hoje.htm. Acesso em: 02 abr. 2007.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HARVEY, David. Pensador marxista inglês fala sobre os rumos da economia mundial. Globo News – Programas Milênio, Rio de Janeiro, 15 abr. 2010. Entrevista concedida a Elizabeth Carvalho. Disponível em: <<http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0,,MUL1567340-17665-314,00.html>>. Acesso em: 29 jan. 2012

_____. O “novo” imperialismo: acumulação por espoliação. In: PANITCH, L.; COLIN, L. (Org.). *Socialist register 2004: o novo desafio imperial*. Buenos Aires: CLASCO, 2006.

HISSA, Cássio E. V. Territórios de diálogos possíveis. In: RIBEIRO, M. T. F.; MILANI, C. R. S. (Org.). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2009.

- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2000 e Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF 2002/2003. Mapa de pobreza e desigualdade – municípios brasileiros 2003. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ba&tema=mapapobreza2003>. Acesso em: 13 dez. 2012.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estimativas populacionais dos municípios em 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1435&id_pagina=1. Acesso em: 13 dez. 2012.
- LEFF, Enrique. Géopolitique de la biodiversité et développement durable. *Alternatives sud: Changements climatiques impasses et perspectives*, [S.l.], v. 13, 2006.
- MATOS, Olgária. Modernidade: o delimita da razão e o esgotamento do ético. In: NOVAES, A. (Org.). *Mutações: a experiência do pensamento*. São Paulo: SESCSP, 2010.
- MORIN, Edgar; MOIGNE, J. L. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Petrópolis, 2000.
- MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEGA, Alfredo, NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. *O pensar complexo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. p. 21-34.
- NICOLESCU, B. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Editora Triom, 2001. 120 p.
- PAULA, João Antônio de. Crise e reiteração do capitalismo dependente no Brasil. In: ACSELRAD, Henri et al. (Org.) *Capitalismo globalizado e recursos territoriais: fronteiras da acumulação no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010. p. 9 – 33.
- NOVAES, Adauto. O espírito recusa a habitar sua obra. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Mutações: a experiência do pensamento*. São Paulo: SESCSP, 2010.
- SALES, João Moreira. *Um documentarista se dirige a cientistas: arte, ciência e desenvolvimento*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il0606201005.htm>. Acesso em: 29 jan 2012.
- SANDRONI, Paulo. *Dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1987.
- SANTOS, Milton. Relações espaço-temporais no mundo subdesenvolvido. *Seleção de Textos*, São Paulo, v. 1, p, 16-26, dez. 1976.
- SANTOS, Milton. Entrevista com Milton Santos. *Teoria Debate*, n, 40, fev./mar./abr. 1999. p. 1-11. Entrevista concedida a José Corrêa Leite.
- _____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005.
- _____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SANTOS, Boaventura Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: STARLING, H. M. M.; ALMEIDA, S. R. G. (Org.). *Sentimentos do mundo: ciclo de conferências dos 80 anos da UFMG*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- _____. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. Tradução Muzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- _____. *Um discurso sobre as ciências*. Maria da Fé, PT: Afrontamento, 2001.
- _____. *Um discurso sobre as ciências*. Porto, PT: Edições Afrontamento, 1987.
- SMITH, Neil. O espectro de Milton Santos. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. (Org.). *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SOJA, Edward, *Geografias Pós-Modernas; a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

Artigo recebido em 6 de setembro de 2012
e aprovado em 20 de novembro de 2012